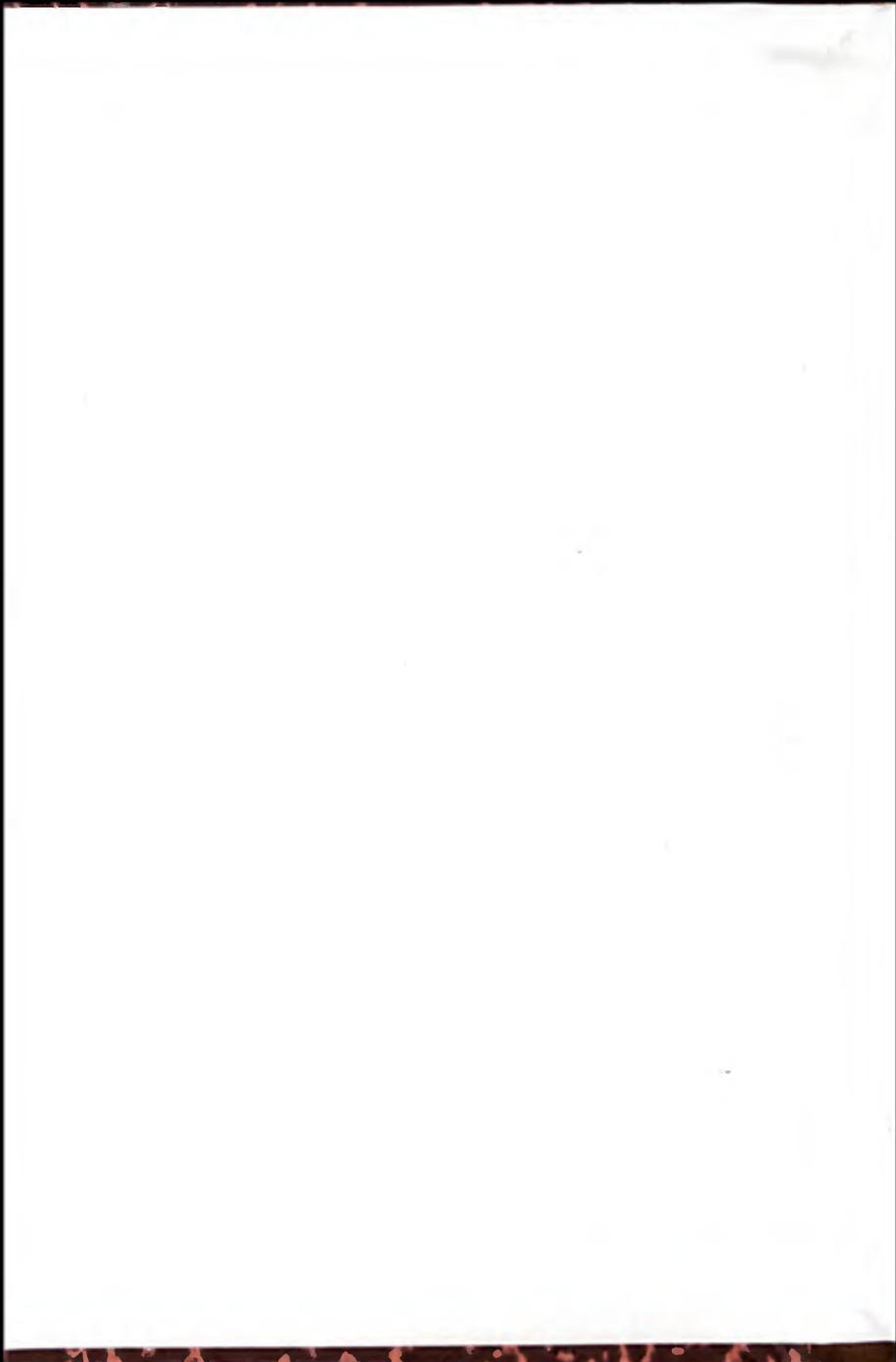
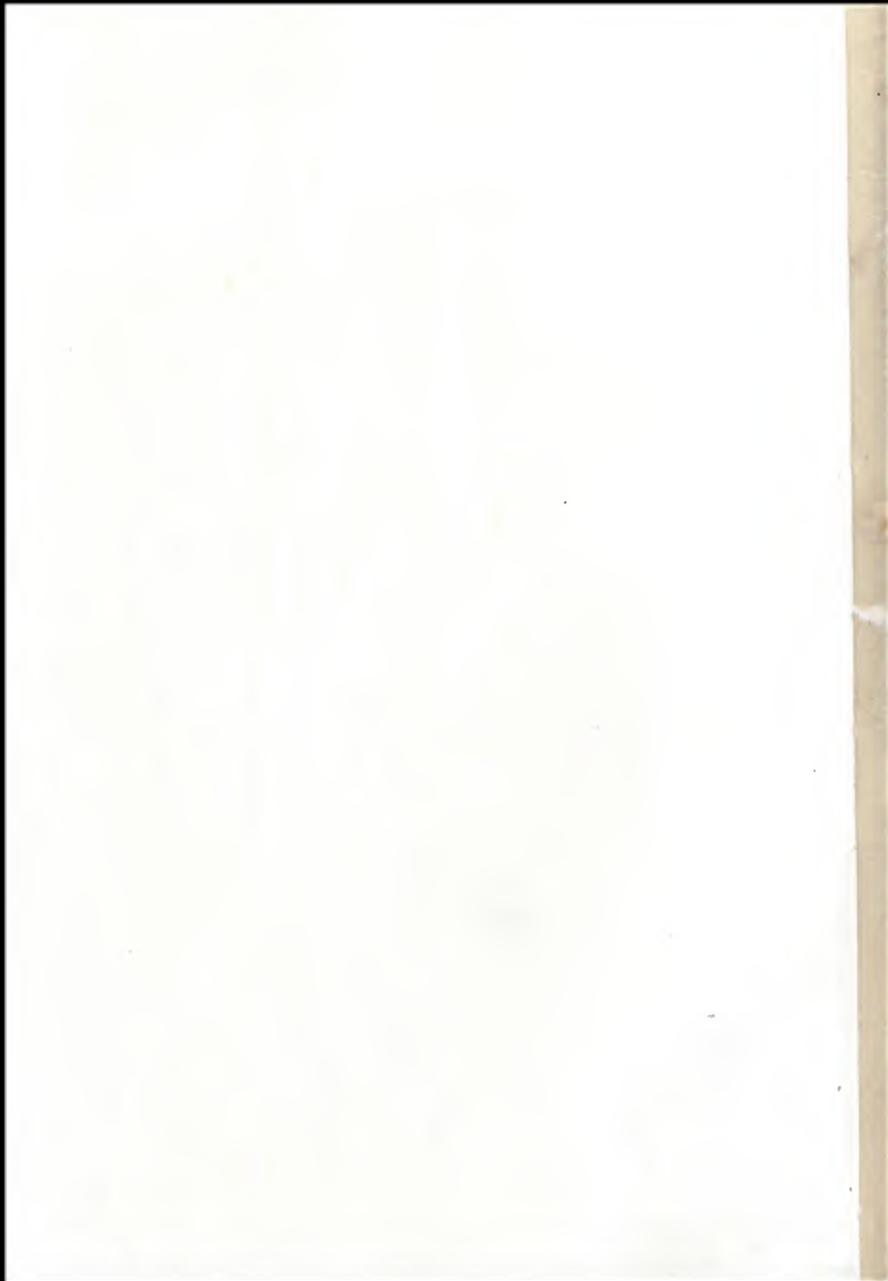


RAS









PLICAT. NO.

PAULINO DE BRITO

BRASILEIRISMOS

DE

Collocação de Pronomes

Resposta ao Snr. Candido de Figueiredo

(Artigos publicados no *Jornal do Commercio* - 1908)

Sf

Pav. <u>2º</u>	Prat. <u>f</u>
El. <u>16</u>	N. de ord. <u>20</u>
RIO DE JANEIRO	

Livraria Azevedo

Vinça Azevedo & C.

EDITORES

25 — RUA URUGUAYANA — 25

1908



MINISTERIO DE AGRICULTURA

GRANDEZAS

Comissão de Estudos

Comissão de Estudos

469.5
FB 862 v
V: Lq. P
381



OFERTA DA
BIBLIOTÉCA PÚBLICA
MUNICIPAL
DE S. PAULO

00057

BRASILEIRISMOS

I

Contrariando, pelo *Jornal do Commercio*, n'uma série de artigos, o que sobre a collocação dos pronomes publicavamos, em outra série, na *Provincia do Pará*, o Sr. Candido de Figueiredo teve a seu favor a esmagadora superioridade de escrever para um publico que, em geral, não nos podia lêr. D'esta vantagem não deixou de se utilizar o illustre philologo, ás vezes terrivelmente.

E' possivel, no emtanto, que entre as pessoas que o leram alguns pertençam á eseola do grande Alexandre, que escutava a cada querelante com um só ouvido, reservando o outro para a parte adversa.

A esta classe de leitores, que ainda não teem opinião formada sobre o assumpto, é que particularmente nos dirigimos. Os que já tomaram partido pelos lusitanismos de linguagem, é de presumir continuarão firmes quaes rochedos. Sabemos que é tão raro em questões grammaticaes virar casaca, quanto é isso trivial em... outras eousas.

Devemos esclarecer que a nossa demora em responder ao Sr. Candido de Figueiredo, explica-se por uma deferencia (de certo muito merecida) para com o proveccto



academico de Lisboa, que, despedindo-se até já no seu CCCIII artigo, e referindo-se a nós, dizia :

«Nem elle nem os grammaticos deram ainda ao problema a attenção que mereee.

«Vou eu dar-lh'a, se o tempo e a saude m'o permittirem, e enveredarei por um caminho, que ainda não foi sequer indicado; e seguirei processo, muito differente do adoptado até agora» etc., etc.

E depois :

«Mas este plano corresponde a trabalho, que não é exequivel em meia duzia de dias, e por isso, enquanto não concluo a colheita documental, indispensavel aos meus intuitos, abrirei neste assumpto um parenthesis de poucas semanas, preenchendo-o com algumas palestras, em que terei de responder a muitos e amaveis consulentes de varios pontos do Brasil, e a diversas ponderações de alguns illustres publicistas da mesma nacionalidade.»

Isto em fins de 1906.

Aguardamos

Nada, até agora.

E como estamos já em 1908, suspeitando não sejam as semanas do Sr. Candido de Figueiredo de sete annos cada uma, como as do propheta Daniel, desistimos de prolongar a espera.

A hypothese não parecerá inadmissivel, se considermos a importancia da tarefa, que aprouve tomar sobre seus hombros ao meu preclaro antagonista. Vasto é o projecto: para a execução, ha de ser preciso dar tempo ao tempo.

Oçamo-lo :

«Pareee-me que, para estarmos em caminho seguro e



plano, não devemos subordinar absolutamente a aproximação ou desvio dos pronomes pessoais objectivos á categoria das proposições ou das palavras que antecederem as proposições, de que fazem parte os alludidos pronomes. Dentro da mesma categoria de palavras ou locuções ha umas que atraem *sempre* o pronome objectivo da oração immediata; outras que *nunca* o atraem; outras ainda que, *indifferentemente*, o atraem e o não atraem; e ainda outras que *normalmente* o atraem, devendo considerar-se anormaes, ou menos legitimos, os casos em que o não atraem, embora documentados com algum exemplo de mestre.»

Confessamos : ficamos aterrado, humilde professor de portuguez que somos, ante a perspectiva de nos encontrar um dia na obrigação de aprender, por dever de offleio, aquella emmaranhada engenharia.

Olhem que a historia dos pronomes, no estado em que a puzeram, já se mostra bem embrulhadinha... O illustrado Sr. José Verissimo lhe chamou algures «mysterlo mais eseuo que o da Santissima Trindade» (como se o mysterio da Santissima Trindade fosse imecomprehensivel por ser eseuo, e não por ser luminoso de mais para as nossas miseras retinas).

Continuando as cousas no rumo em que vão, recelamos bem nos venha a succeder como aos sabios do Celeste Imperio, que, graças ás maravilhas e sorprezas do systema symbolleo, allí ainda em uso, envelhecem e morrem sobre os livros, sem terminar jamais a aprendizagem da escripta e da leitura.

Se o Sr. Candido de Figueiredo logra levar a cabo o sinistro emprehendimêto que annuncia, a vida humana passará como um sonho, antes que eheguemos a conhecer as volupias da boa collocação dos pronomes.



Mas, ou muito nos enganamos, ou o novo processo, a que se refere o esclarecido philologo, e que julgamos transparecer sufficientemente do seu prospecto, não pôde deixar de ser assim :

Evocará ainda uma vez os lémures dos seus amados classicos, e procederá, nos livros delles á «colheita documental indispensavel.»

Todas as vezes que encontrar o pronome antes do verbo, concluirá que o termo antecedente o attrahe; vindo depois, não attrahe; e se vier umas vezes antes e outras depois, attrahe e não attrahe. Poderá ainda acontecer que o pronome occorra mais vezes antes que depois do verbo : ficará tirado a limpo que a palavra precedente o attrahe normalmente, e anormalmente não attrahe.

De maneira que o Sr. Candido de Figueiredo explica a approximação pela attracção, e determina a attracção pela approximação.

E' simples ; tão simples que chega a parecer petição de principio... *Quare opium facit dormire ?*

No catalogar dessa multidão de casos é que surgirá porventura a magna difficuldade : como as categorias grammaticae foram postas de banda, e o operador terá de jogar com todo o acervo do vocabulario (segundo o tal «caminho ainda não indicado»), a generalização tornar-se-ha impraticavel, será mister uma regra, ou mais, para cada termo, e ahi a complicação e a superabundancia tocarão ao cúmulo, para não dizer ao infinito.

Tranquilizemo-nos, porém. Não ha probabilidade alguma de chegar o conceituado escriptor a enriquecer a nossa litteratura grammatical com esse poderoso invitatorio á monomania e ao suicidio.



É depois, acontece aqui como na guerra de Troya : á proporção que decorriam os annos, diz o grande Vieira, ia diminuindo a causa della.

Ao perpassar d'estes quatorze mezes, a situação que no pleito mantinha tão luzidamente o Sr. Candido de Figueiredo fleou ameaçada de grave mudança, com sensivel redução no peso das suas responsabilidades : trata-se de despojal-o da aureola de patriarcha da collocação dos pronomes, com que nós convictamente, mas ignorantemente ao que parece, o quizeramos glorificar.

Dados em punho, o Sr. José Verissimo acaba de demonstrar que a dita questão — «velha de meio setulo no Brasil, foi modernamente renovada aqui por Arthur Barreiros, na segunda *Revista Brasileira* (N. Midosi, editor) tomo V., pag. 71 (Rio de Janeiro, 1880)». E por ali além: uma longa série de citações, que os interessados podem proveitosamente consultar, na noticia critica com que ha dias, neste jornal, o escriptor paraense honrou o apparecimento da nossa monographia — *Collocação dos Pronomes*.

Deus nos guarde de disputar palmas, maxime a da erudição, e estando em mãos tão boas, como as do Sr. José Verissimo.

Preferimos admittir que erramos e mostramos «sensuravel ignorancia sobre o historico da questão».

Uns reparosinhos, comtudo, aventurados finadamente, talvez não venham fóra de proposito :

Pouco importa, segundo nos quer parecer, que essa historia tenha cincoenta annos de idade, ou que remonte ás Cruzadas, ou aos Cavalleiros da Tavola Redonda.

Não se trata evidentemente do tempo que ella dormio sob a poeira dos archivos, em paginas esquecidas de



jornaes e revistas, ou vegetou nas Incubrações de solitario philologo incomprehendido, como tenra plantinha germinada em muro de prisão, ou nas fendas de desconjuncto e lendario edificio.

Trata-se de saber desde quando a questão, de ociosa ou indifferente que era, começou a assumir notoriedade no Brasil, impondo se aos espiritos, tornando-se preocupação para os que escrevem, mais ainda, tornando-se obsessão. Sim, é d'isso que se trata; e, precisamente, legitimamente, é o que se depreheende das palavras do nosso livrinho :

«Quando e como appareceu esta singular preocupação, estava quasi a dizer esta curiosa enfermidade, caracterizada pela seisma, como diz o nosso povo, de collocar os pronomes *sim* ou *assim* ?»

Ora, essa preocupação, essa enfermidade, essa seisma — em que pese ao illustrado critico — cincoenta annos ella não tem .

Et tanto não tem, que o proprio Sr. José Verissimo lhe deu vinte, ha bem pouco, em um bello artigo publicado no *Kosmos*.

Afastada, por absurda, a hypothese de ser tambem censuravelmente ignorante do historico da questão, ou possuidor de algum philtro (ah ! se o fôra !) capaz de restaurar cinquentenarios á louçania florida dos quatro lustros, deve-se concluir que lhe pareceu razoavel fazer o que fizemos : tomar como ponto de partida não o primeiro vagido da questão, mas o momento em que a mesma, attingindo á idade critica, appareceu transtornando o juizo a velhos e rapazes.

A differença apenas é que, segundo o Sr. José Verissimo «ella foi modernamente renovada aqui por Arthur



Barreiros» num artigo da *Revista Brasileira*, em 1880; e, na nossa opinião, foi posta em voga pelo Sr. Candido de Figueredo, a partir de 1891, nas *Lições Praticas da lingua portugueza*, e nos outros livros seus, que depois vieram, sobre o mesmo assumpto.

Em presença da contestação do Sr. José Verissimo, corroborada por um bom numero de boas citações, chegamos a duvidar da exactidão do nosso asserto. Pois agora começamos a duvidar das nossas duvidas, conforme a expressão do nosso saudoso mestre Tobias Barreto.

Não! Não é crível que um simples artigo da *Revista Brasileira*, cuja circulação é exigua, e até nullo fóra do Rio de Janeiro, tivesse aquella influencia, aquella extraordinaria repercussão no paiz.

O movimento de que tratamos foi geral desde o principio: não partio d'aquí ou d'alli, mas declarou-se em todo o Brasil simultaneamente.

Visitando as livrarias da Capital Federal quando aqui chegamos, ha mezes, admiramo-nos da quantidade de publicações brasileiras que, nos Estados, são desconhecidas. E este facto triste não tem sequer o merito de ser um desforço do desprezo, com que no Rio é tratada a diminuta produção litteraria dos Estados: é apenas um prolongamento anachronico do nosso isolamento espirital dos tempos de colonia.

Entretanto as livrarias estão abarrotadas do bom e do máo que nos manda o estrangeiro, sobretudo Lisboa e Pariz. Ninguem ignora que o Brasil continúa a ser o mercado principal dos livros portuguezes; e esta canalização é outra vella herança do nosso periodo colonial.

Isto só tem de máo ser uma prova da nossa inferioridade; e o peor é que nos vamos accommodando e confor-



mando definitivamente com ella, como se fosse a coisa mais natural d'este mundo.

O facto é trazido á collação para frizar que, enquanto o artigo de Arthur Barreiros, depois de lido por um pequeno numero de estudiosos, ia repousar, esquecido e anodino nas paginas da *Revista Brasileira*, as Lições Praticas do Sr. Candido de Figueiredo, ao contrario, graças á sua procedencia européa, eram copiosamente difundidas, em successivas edições, por todos os pontos, ainda os mais longinquos, do Brasil.

Mas não era só pela insufficiencia dos meios de propagação, que o trabalho de Arthur Barreiros estava impossibilitado de produzir os effeitos, que o Sr. José Verissimo se compraz em lhe attribuir.

No Brasil taes movimentos veem sempre de fóra. Não ha, que nos conste, exemplo em contrario.

Ora, a corrente hoje dominante é o lusitanismo. Todos acreditam que para falar e eserever bom portuguez é indispensavel falar e eserever á portugueza.

Não ha estudante incipiente ou plumitivo embryonario que, tratando dos nossos grandes escriptores, não se considero autorizado a senteneiar, com um inefável sorriso de desdenhosa superioridade:

«Sim! um grande talento, muita imaginação... Mas a linguagem...»

Nestas circumstancias, para ter o emho da autoridade, a lição sobre os pronomes devia vir de Portugal, e de mestre portuguez.

Foi o Sr. Candido de Figueiredo.

Outros prégariam antes d'elle, mas no deserto.

Cabe-lhe, certamente, a gloria como primaz, se não lhe compete como deeano.



II

«Insurge-se o Sr. Paulino de Brito contra a prescripção de quaesquer regras para a collocação dos pronomes.»

Fosse verdadeira esta affirmação do Sr. Candido de Figueiredo, inserta no seu artigo CCLXV, e teriamos bom direito a ser inscripto entre os revolueionarios da arte. Mas o illustre academico manuseou, segundo confessa, uma das nossas grammaticas, e não encontrou, na parte referente aos pronomes, cousa que tivesse ares de musica do futuro.

E' que a insurreição a que se refere nunca existio; nem havia razão para existir.

O grammatico ou philologo que se insurgisse «contra a prescripção de quaesquer regras para a collocação dos pronomes» merecia uma cadeira vitalicia em Rilhafolles.

Que ha regras para collocar os pronomes, quem duvida?

«Tinha escripto-me», «te João chamou», «muito falará-se», «deves dizer-o-me», «elle riria-se», e muitissimas outras maneiras de dispôr os pronomes na phrase são manifestamente erroneas. Quem aprendeu um pouco de portuguez sabe que não deve falar ou eserever assim.

Isto sem sahir dos pessoaes obliquos e atonicos, pois é bom lembrar que ha muitos pronomes que não são pessoaes, ha pessoaes que não são obliquos, e ha obliquos que não são atonicos.

Mas os brasileirismos, de que nos occupamos, só a estes ultimos se referem, e bem se vê que não havia mister de ir ás do cabo, prégando a insurreição contra as regras



de collocar pronomes em geral. E' como se o Sr. Candido de Figueiredo, para protestar contra as arbitrariedades do regedor de São Paio de Merelim, proclamasse o regimen da dynamite, e desfraldasse o rubro estandarte da Republica Social.

A verdade é que brasileiros e portuguezes collocam os pronomes da mesma fórma, salvo pequenas variantes.

Assim, por exemplo, no portuguez do Brasil «espero que *me faça* o favor» e «espero que *faça-me* o favor» são equipolentes; tanto se diz «não *lembrou-se* do recado» e como «não *se lembrou* do recado». No portuguez da Europa não se nota a mesma liberdade: diz-se invariavelmente «espero que *me faça* o favor — não *se lembrou* do recado», sempre com o pronome antes do verbo.

O Sr. Candido de Figueiredo, com uma dose de orgulho nacional que não censuramos, mas até invejamos, para os nossos patricios, entendeu e ensinou que d'aquellas duas maneiras de falar dos brasileiros só uma era legitima — a usada pelos portuguezes, devendo a outra ser condemnada e banida como erro crasso.

Ora, quer a construcção directa, quer a transposta, são legitimas. Tão correcto é dizer «espero que faça a Paulo este favor» como espero que a Paulo faça este favor; e a isto se reduz, nos exemplos propostos, a collocação dos pronomes: n'um caso depois do verbo, porque a construcção é directa; n'outro antes, por ser transposta.

Onde, pois, a incorrecção de uma d'essas fórmulas? No facto de não ser empregada pelos portuguezes?

A futilidade d'esta razão é evidente;urgia encontrar outra, e em breve o genio inventivo, dos grammaticos e



philologos de boa vontade, descobrio uma lei de gravitação, em virtude da qual certos vocabulos, uma vez precedendo ao verbo, attrahiam os pronomes pessoaes atonicos, com o inilludivel rigor da cega fatalidade.

A theoria da attracção foi acceita com a mesma docilidade com que o fôra a lição do Sr. Candido de Figueiredo. Ficava assim o nosso falar enriquecido de mais uma nódoa, e a linguagem dos nossos escriptores, ainda os melhores, acoinhada de espuria e inçada de crassas incorrecções. Ninguem se preoccupou com isto.

E' do nosso genio. Se as nações tivessem, como os individuos, um inferno para as suas iniquidades e um céu para as suas virtudes, o Brasil entraria na bemaventurança pela porta da humildade. Temos ouvido chamar a isto a modestia nacional... Tenha o nome que tiver, é uma delicia!

Eis a razão por que o brasileiro, geralmente, pouco medita. Em compensação lê bastante... os extrangelos. Com a consciencia, bem ou mal fundada, que carrega, da sua inferioridade, julga aproveitar o seu tempo muito melhor do que pensando, a lêr o que os outros pensaram.

Por isso as discussões de qualquer genero, entre nós, soem converter-se em torneios de erudição.

Os adversarios correm ás respectivas bibliothecas e armam-se de livros, que começam a atirar uns sobre os outros. Ao autor B contrapõe-se o autor C, ao autor F replica-se com o autor G, para pulverizar os autores A, D e E arruma-se com os autores M, P e O, assim por diante. Louça de casa, nem um pires. A palma do triumpho cabe a quem cita maior numero de autores e mostra ter lido mais, embora sem ter digerido.

A proposito desta mesma questão de collocação de



pronomes, as bibliothecas sustentaram corridas que matriam de inveja nos bancos de Nova York em dias de panico na Bolsa. Os classicos, ainda os mais justamente esquecidos, foram perturbados no seu somno secular, para deporem a respeito. Os miseros disseram tudo quanto quizeram que elles dissessem, e serviram para demonstrar ao mesmo tempo o branco e o preto. Dizia Cicero não conhecer aluido, que algum philosopho já não houvesse sustentado. Póde-se affirmar tambem dos classicos, sem dór de consciencia, que não ha sandice que não se encontre em algum d'elles. E' ter paciencia para pesquisar.

Ora, sobre a gravitação vocabular, sendo omissos os autores estrangeiros, não havia discussão possivel. A descoberta entrou mansamente, sem combate, para o patrimonio da Sciencia.

Admittida como um facto a tal *attracção*, restava determinar quacs as palavras *attrahentes*.

Ahi começõa a balburdia.

Este ensinava que a força mysteriosa era apanagio das particulas em geral, aquelle que só dos adverbios e preposições, aquelle outro que tambem de alguns pronomes, adjetivos e até conjunções. As regras, apenas formuladas, eram cobertas por um pavozoso enxame de excepções. Não havia mister de grande perspicacia para comprehender que todos andavam ás tontas, nesta singular e pouco divertida cebra-céga.

A barafunda incommodou até áquelles que costumam pairar muito acima do torvelinho das paixões... grammaticaes. Figure-se o leitor quantis pessoas gradas e maiores de toda excepção, como dizem os jornaes—funcionarios provectos, ansteros magistrados, sabios juris-



consultos, parlamentares eminentes, porventura Ministros e — quem sabe? — talvez até Presidentes, ouvindo nas alturas o fragor da surriada com que eram punidos os infractores da grande lei, não ficaram possuídos de amargas apprehensões, penna alçada sobre o papel, horas e horas, vacillando entre o perigo de collocar desastradamente um pronome, e o pejo de implorar soccorro a algum escriba iniciado nesses miríficos arcanos!

Convenhamos que é sensaboria por certo das maiores, para pessoas de respeito, capacitadas de sabereu manejar, se não com apuro, ao menos decentemente a linguagem de um officio ou relatorio, lançarem-lhe no espirito a terrivel suspeita de que, em cada pagina escripta, deixam a descoberto umia duzia, pelo menos, de erros crassos de portuguez.

— Se eu tivesse ainda a memoria fresca — dizia-nos um juiz — pediria a você umas lições de *grammatica moderna*, sómente para aprender a collocar os pronomes; mas dizem que é isso difficil...

— Difficilimo!

— Nesse caso prefiro continuar com o meu systema.

Tivemos curiosidade de conhecer o tal systema, e elle nol-o revelou, exemplificando com uma carta que acabara de escrever, nesse instante, a um jornalista. Começava assim:

«Em resposta ao pedido que faz a este seu humilde criado quanto ao emprestimo do 5º volume do *Diritto*, tenho a dizer ao meu caro collega não ser isso permittido á minha boa vontade; mas logo que esse livro seja restituído á minha bibliotheca...»

E assim por meio de engenhosos circumloquios e bellas metaphoras, o bom magistrado fa removendo o temeroso estorvo.



— Outro amigo que mantinha, isto é, eternizava uma polemica na imprensa, communicava-me confidencialmente : «Não receio pelos factos articulados, que são verdadeiros, nem pelas minhas razões que reputo bem firmadas... Só n'uma cousa *elle* me pôde pegar (e terminava baixando a voz ruborizado): é na *collocação dos pronomes!* »

Não havia quem não sentisse o mal-estar, comquanto, por amor proprio ou acanhamento, bem raros o confessassem.

Pois já podem hoje todos respirar desopprimidos, depois que o obscuro signatario d'estas linhas deu a trou á sociedade que a tal *gravitação* não passou jamais de uma audaciosa patranha de grammaticos e philologos vernaculomaniacos.

O Sr. José Veríssimo, reconhecendo este serviço por nós prestado ao senso commum, diz, no seu citado juizo critico, que o nosso trabalho teve o merito: «Primeiro, de haver posto a questão nos seus verdadeiros termos, determinando-lhe rigorosamente os limites; segundo, de a haver desembaraçado da metaphysica grammatical da attracção dos relativos e quejandas especiosas razões, e procurado no estudo racional dos factos da linguagem portugueza comparados com os da linguas afins, isto é, n'um estudo que se poderia chamar de grammatica (não de philologia, como euida o autor) comparada, uma razão sufficiente do facto estudado.»

Grato pela justiça que o conspicioo escritor faz ao nosso modesto labor, no trecho acima, lhe pederiamos se não fosse importuno, que onde esereveu «metaphysica» dissesse «bruxaria», e outrosim admittisse a expressão —Philologia comparada— de que fizemos uso.



Não ha duvida que o nosso estudo é de grammatica comparada. Como, porém, as leis que regem os factos da linguagem nas suas transformações organicas (não simplesmente historicas) são do domínio da Linguistica, e examinamos, do nosso ponto de vista, a acção destas leis sobre o grupo romanico, foi empregada a expressão—Philologia comparada — como synonymo de Linguistica ou Glottologia, o que é praticado por alguns autores. ✓

III

Ha modos de dizer que devem ser preferidos a outros, sem que estes outros, entretanto, se possam considerar incorrectos. Destas maneiras menos boas, eontudo, nos temos de servir ás vezes, para evitar maiores inconvenientes. Exemplifiquemos :

«Pedro manqueja de um pé» e «Pedro manqueja de um dos pés» são expressões equipolentes, mas a primeira tem a vantagem de ser mais iluente e concisa.

«Pedro está privado de uma mão» e «Pedro está privado de uma das mãos» estão no mesmissimo caso, mas aqui muda o criterio: a segunda forma é a que convém adoptar, não obstante a concisão da primeira, porque ha nesta um mão encontro de sons a elidir.

Succede com os nossos brasilerismos cousa parecida.

«O homem que *se conserva* independente» é uma boa construcção, sãa melhor do que «o homem que *conserva-se* independente» não assim «o homem que *se supõe* bem collocado». Nesta, a posposição do pronome é



bem mais accetavel, dizendo-se “o homem que *suppõe-se* bem collocado”. Entre o menos bom e o positivamente máo, que é a cacophonia, a escolha não pôde parecer duvidosa.

Este é o sentir dos nossos prosadores e poetas, como demonstramos na nossa monographia — *Collocação dos pronomes* — com a citação de numerosos trechos. Quando Gonçalves Dias escreve “inda sorrir-se de amor” e José de Alencar “Alice não occupou-se mais senão del-le” a enlise não denota ignorancia ou negligencia, nem tão pouco desprezo pela boa linguagem, mas ao contrario, a intenção de castigar e aprimorar o estylo.

Seja porque no portuguez nosso americano, mais claramente accentuado e articulado que o europeu, os vicios da dicção se tornem sobremaneira sensiveis, ou porque o ouvido brasileiro possua um alto gráo de delicadeza peculiar, ou finalmente pela razão de os escriptores de além-mar, muito preocupados com a vernaculidade da expressão, se descuidarem um tanto da euphonia, é um facto que as máculas deste genero parecem impressionar bastante cá, e lá mediocrementemente.

São escusaveis os exemplos, que podiam ser, entretanto, abundantissimos. “Folguei em Cintra, *mas mais* em Lisboa—eu *a não* perceo de vista—é um senão que *se não* percebe” e outras semelhantes locuções, difficilmente se encontram nos escriptores brasileiros, e são correntes nos seus confrades reinícolas.

O impulso, pois, nos primeiros mul vivamente sentido, de proeurar a fórma enphonica da phrase, é o que produz, para elles, a necessidade de jogar mais livremente com a posição das particulas pronominaes.

Cousa tão simples e de facil observação, chega a pare-



cer impossível que pudesse levantar e alimentar aceras controversias.

O facto explica-se, entretanto, por terem muito asinha descoberto a magna lei da gravitação grammatical.

“Uma gravitação que se prêsa, disseram consigo, ha de ser como a universal, que rege os mundos no infinito espaço constellado. Quem sabe até se o vocabular não é, daquella, um brando effluvio, um ésto amortecido, uma tenne fagulha? Seja como fôr, gravitação intermittente é caçoada. Se um pronome tem a desgraça, ou a fortuna, de se encontrar no circulo de attração de um relativo, adverbio, ou qualquer outra palavra igualmente magnetica, tenha santa paciencia: *vai ou racha!* Póde resultar cacophonia? Torpe? Ridicula? Immunda? Que importa? Salvem-se os *principios!*”

E quando mesmo representassem ao vivo, e ás devêras, o carapetão historico das torturas de Gallileu, sujeitos aos tratos da polé ainda eram capazes de afirmar que o relativo attrahe, e o pronome é attrahido!

No entanto, paciente leitor, reflietamos um pouco, e com a ealma preciosa sempre, neste e outros assumptos.

Tomemos qualquer phrase das taes; seja uma, proposta pelo proprio Sr. Candido de Figueiredo:

“Dize ao João *que traga-me* o cavallo”.

Isto é brasilerismo, *erro crasso*, segundo o illustre philologo e os da cartilha, porque, sendo o “me” attrahido pelo “que”, deve correr para junto deste, dando um pinote por cima do verbo:

“Dize ao João *que me traga* o cavallo”.

Esta construcção, com effeito, sôa melhor, sem que a primeira, entretanto, seja errada.



Mas por que sãa melhor? Será realmente porque o relativo *attrahê* o pronome?

Eliminemos, successivamente, os primeiros elementos da phrase, a vêr qual delles é a tarracha que segura a variação pronominal antes do verbo:

“Dize ao João que me traga o cavallo”...

Muito bem.

“João que me traga o cavallo”...

Ainda bem.

«Que me traga o cavallo»...

Sempre bem.

«Me traga o cavallo»...

Mal. Deve-se dizer: «Traga-me o cavallo».

Portanto, enquanto se conserva o relativo *antes do verbo*, o pronome se mantém *antes do verbo*; eliminado o relativo, o pronome passa para depois do verbo.

Não ha duvida: até aqui, para os partidarios da attração, tudo é *pan con miel*, como dizem os hespanhoes. Por este processo, e generalizando desta maneira, é que chegaram á sua formosa concepção.

Mudemos de phrase, porém:

«Todos nós desejamos que Deus te proteja»...

Bem.

«Desejamos que Deus te proteja»...

«Ainda bem.

«Que Deus te proteja»...

Sempre bem.

«Deus te proteja».

Ainda e sempre muito bem. E o relativo já foi eliminado!



Finalmente, deslocando a palavra Deus sem deslocar o pronome a phrase fica mal: «Te proteja Deus»; mas, deslocando uma e outra ao mesmo tempo, tudo se concerta: «Proteja-te Deus».

De onde se póde concluir, com logica semelhante á primeira, e até um pouco melhor, que a palavra attractante é o substantivo e não o relativo.

Verdade é tratar-se do santo nome de Deus; inutil, porém, vêr ahí um milagre do poder divino: qualquer proprio ou appellativo daria identico resultado. E' que a pretendida attração não existe absolutamente: é *sonho de um sonho sonhado*, segundo a terminologia nebulosa mas aqui frizante, do allemão Fichte.

«Me traga o cavallo».

«Te proteja Deus»...

O pronome, n'estas condicções, se parece não fazer boa figura, é que, segundo uma regra falsa, mas já infelizmente bastante accita, os casos atonicos não se collocam no principio da phrase.

Qual a razão, entretanto, por que mesmo no meio da oração, elles nos parecem ás vezes melhor antes que depois do verbo? Por que, *verbi gratia*, «espero que Deus proteja-te» não sã tão bem como «espero que Deus te proteja»?

E' o ponto interessante da questão.

Concentrando ahí os nossos estudos, depois de verificar a inuidade da theoria supersticiosa da gravitação grammatical, em breve adquirimos a convicção de que o facto era de natureza phonetica, porém não de pura euphonia, visto como se ia prender, em sua origem, ás leis de transformação linguistica, que deram existencia aos modernos idiomas românicos.



Temos a observar primeiramente, que nessa transformação, foi o latim perdendo as suas qualidades musicas, pelo predomínio da *accentuação* sobre a *quantidade*: a syllaba tonica adquirio exessivo realce, em prejuizo dos sons finaes, que diminuiram correlativamente de intensidade. Tornando-se muito fracos os vocabulos na sua terminação, ahí se manifestaram de preferencia as alterações: os *casos* baralharam-se, e, em consequencia, veio a ordem *synthetica* substituir a *analytica* da construção latina.

Ora, sendo a syllaba tonica o nucleo, o centro de gravidade, a parte resistente, quanto mais dianteira a sua posição no vocabulo mais resguardado ficava este contra a corrente da degeneração phonetica: dahi um movimento geral de deslocação do accento tonico para a frente.

Em virtude d'esse movimento surgiu um novo typo prosodico, o *oxytono*, que no latim não existia, e desde então o pendor para esse typo foi geral e irresistivel: multiplicação de palavras graves, e até esdruxulas, se tornaram agudas, isto é, oxytonas.

A *sympathia* pelo oxytono implicava aversão pelo exdruxulo ou proparoxytono, que é o typo mais afastado daquelle. Por isso emquanto o oxytono apparecia, o exdruxulo rareava, chegando mesmo, no francez, a ser completamente eliminado.

Este facto linguistico se explica, em primeiro lugar, pela necessidade de conservação das fórmulas vocabulares, porque, como já observamos, a posição avançada da syllaba tonica protege os phenemas contra a devastação da corrente transformadora.

Em segundo logar é um resultado da grande lei chamada do *menor esforço*: menor esforço da articulação



para quem fala, e de percepção para quem ouve, pois as palavras oxytonas são as que se pronunciam e se percebem melhor, ao passo que as esdruxulas se percebem mal, e se pronunciam com esforço.

Conhecidos estes factos, vamos aos pronomes.

O celebre caso dos brasileirismos não se refere aos pessoaes nominativos, nem a todos os obliquos, mas, d'estes, unicamente aos não regidos de preposição, a saber: *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as*.

Offerecem taes pronomes a particularidade *de não terem accentuação propria*, subordinando-se, por isso, á accentuação da palavra a que se acostam. São, portanto, *atonicos*, sendo *tonicos* todos os mais.

Succede, pois, que pospostos a qualquer palavra aguda, esta se torna grave; pospostos a palavra grave, esta se torna esdruxula; pospostos a palavra esdruxula o resultado é um typo exotico, tendo o accento antes da antepenultima.

Dahi vem que, se nos abandonamos ao criterio do ouvido, as anteposições dos pessoaes atonicos sempre nos parecem preferiveis ás posposições. Pudera! As anteposições não alteram o typo prosodico dos vocabulos, e as posposições o alteram, *em sentido opposto á tendencia geral*, que é para o oxytonismo.

Ora, *todos os brasileirismos de collocação de pronomes são posposições*, com excepção unica do que consiste em começar a phrase por pronome atonico; neste caso porém, deve-se notar que houve interferencia erudita, que tocou ou desviou o curso natural do facto linguistico.

No exemplo—«dize ao João que traga-me o cavallo», a posposição do pronome ao verbo produz um esdruxulo—*traga-me*—enquanto que a anteposição o evita; eis por-



que sôa melhor «dize ao João que *me traga* o cavallo».

No exemplo «todos nós desejamos que Deus te proteja» o mesmo se repete: se nos repugna a posposição é porque o typo antipathico do esdruxulo — «proteja-te» — nos descontenta o ouvido. Posto que vaga, indeterminada, esta impressão é tão sensível que para dar conta della sem maiores fadigas inventou-se a theoria da gravitação grammatical, da qual os leitores já sabem o juizo que devem formar.

Os exemplos — «traga-me o cavallo — «proteja-te Deus» — não contrariam as nossas conclusões, porque ali, para evitar o esdruxulo, teriamos de collocar o pronome no começo da phrase — «me traga o cavallo — te proteja Deus» — o que os nossos mestres não nos querem permittir; é um caso de força maior, que elles de bom grado reconhecem. Só admira que não reconheçam tambem, como caso de força maior, ao menos a necessidade de evitar as mais negregadas e indecorosas cacophonias.

Mas, objectar-se-ha, os brasileirismos de collocação não se encontram só nas obras dos nossos escriptores; são trivialissimos na linguagem popular do Brasil, e não o são na linguagem popular de Portugal. Dar-se-á o caso que a sympathia pelo oxytono e a antipathia pelo esdruxulo sejam mais fortes lá do que cá?

Sim, não ha duvida.

A tendencia para o oxytonismo, sendo em parte determinada pela lei do menor esforço, *está na razão inversa da clareza com que cada povo pronuncia o seu vocabulario*. Assim, dos neolatinos, sendo os italianos os que mais disetintamente pronunciam, foi o idioma toscano o que conservou maior numero de esdruxulos; se-



gue-se na ordem o castelhano, onde são exdruXulos muitos vocabulos que em portuguez já deixaram de o ser, por que os portuguezes teem a pronuncia menos elara que os hespanhoes. A pronuncia franceza é destas a menos elara: os exdruXulos desapareceram inteiramente do francez.

Ora, os grammaticos, estudando as differenças que se notam entre o portuguez do Brasil e o de Portugal, assignalam que o nosso falar americano melhor tonaliza as vogaes e accentua os sons subordinados, não se mostrando tão sob a lei do menor esforço: finalmente, o nosso falar é mais claro.

Eis por que a tendencia para o oxytono, ou digamos, a repugnancia pela posposição do pronome pessoal atonico, posposição que constitue o famoso brasileirismo, é mais intensa em Portugal do que no Brasil.

Os leitores que desejarem conhecer esta materia exemplificada, e com outro desenvolvimento, podem recorrer á nossa monographia — *Collocação dos pronomes* — que se encontra em algumas das principaes livrarias d'esta Capital.

O resumo acima foi para nos fornecer ensejo de perguntar ao leitor se lhe parece que o Sr. Candido de Figueiredo tenha contestado ou discutido o nosso trabalho.

Não, por certo: o illustre philologo limitou-se a tratar de pontos secundarios.

Somos, pois, obrigado a deixar tambem de lado a parte capital da questão para acompanhar o nosso antagonista nessa respiga, que não deixa, entretanto, de possuir alguns attractivos.



IV

O uzo frequente, no Brasil, do pronome atonico no principio da phrase, acha o Sr. Candido de Figueiredo que veio da «linguagem *das roças*» onde se reflectio «a construcção grammatical das linguas *bantas*, que se alastram desde o Zaire ao Zambeze».

Em summa, esse modo de falar dos Brasileiros é proprio dos pretos.

Ouçamos o que diz textualmente o colendo vernaculista :

«Os milhares ou milhões de negros, que a colonização do Brasil chamou da africa para a America, foram acceitando naturalmente o vocabulario portuguez, construindo a phrase a seu modo; e os lavradores e colonizadores, certamente em menor numero que o dos trabalhadores dos campos e das roças, e curando mais de borracha (!) e café do que de invasões grammaticaes, delxaram-se indolentemente inbuir dos modismos que, a toda a hora lhes feriam os ouvidos.

Esses modismos passaram dos campos para as cidades; e, quando os grammaticos Brasileiros deram conta do desatino a muitos pareceu que já era tarde para a correccção, e outros, como o Sr. Paulino de Brito, tentaram dar fóros de cidade á grammatica dos negros. De um illustrado arcebispo do Rio de Janeiro sei eu que, falando com um escriptor portuguez, confessou que abusava habitualmente da collocação dos pronomes mas que não ousova corrigir-se, porque o accusariam de affectação e preciosismo...

Que os negros estão de accordo com o Sr. Paulino de



Brito, elle proprio o poderá facilmente verificar; mas, se imagina que foram elles que aprenderam a collocação dos pronomes com os pais dos *Brasileiros* do Sr. Brito, então, como grammatico, que é, pôde comparar a pura grammatica portugueza—não a grammatica das escolas, mas a dos *factos*—com as grammaticas das linguas africanas, e verá como differem».

Perfeito.

A «linguagem das roças», contaminando pouco a pouco a das cidades; o cultivo da borracha, pelos africanos, ao lado do café, nos tempos coloniaes; a luta entre as duas ordens de grammaticos—os legitimistas, que desejariam acudir pela honra da portugueza lingua, se já não fosse tarde, e os demagogos (como nós), que tentavam dar fôros de cidade á *grammatica dos negros* — tudo é tão bem descripto, que a gente parece que está vendo.

E a edificante figura do arcebispo, que confessa «abusar habitualmente da collocação dos pronomes», para não escandalizar o jargon negroide do seu amado rebanho!

Digno, por certo, de ser equiparado áquelles inelitos varões da primitiva Igreja, latinistas e hellenistas egregios que, no pulpito, não desdenhavam descer a sarrafações das linguas vulgares para melhor se fazerem comprehender dos seus ouvintes. Quão differentes do celebre cardinal Bembo, que não lia o breviario, pelo receio de viciar a sua excellente latinidade!

Ha um ponto a esclarecer. A serie dos arcebispos do Rio de Janeiro não é ainda tão extensa, que a referencia do Sr. Figueiredo, só por si, não seja uma indicação precisa.

Mas quem conhece o Sr. D. Joaquim Arcoverde, só poderá acreditar que o cardeal Brasileiro dicesse aquillo



como um pedoso remoque, para castigar caritativamente alguma impertinencia do tal escriptor alfaeinha. E' mais provavel que a anedota seja apoerypha.

Depois da instructiva digressão pelas *roças de borracha e de café* o erudito philologo nos remette á lingua *bunda*, á lingua *nuba*, *cafre*, e outras igualmente bellas e igualmente africanas, para explicar o nosso pronome atonico no principio da phrase. Diz elle:

«Póde consultar por exemplo :

— *The Kafir language*, por Appleyard, Londres, 1850.

— *On the languages of west and South-Africa*, por Block, Londres 1855.

— *A comparative Grammar of South-Africa languages*, pelo mesmo Block Londres, 1869.

— *Observações grammaticaes sobre a lingua bunda*, por Canneattim, Lisboa, 1805.

— *Glottologia Banta*, por Giacomo de Gregorio, Turim, 1882 etc.

Especialmente na *Grammatica Nuba* do Lepsius, da Universidade de Berlim etc., etc. »

Por nossa parte, prescindimos da consulta; mas fica a citação para uso dos leitores que desejem aprofundar conhecimentos nessas claras fontes do nosso falar brasileiro.

O Sr. Candido de Figueiredo não se limita a apadrinhar a lisonjeira hypothese : dispensa-lhe paternaes caricias. Em pouco já não é só o pronome no principio da phrase, é toda a linguagem do Brasil que lhe parece bunda ou cafre :

«Ora, como o pronome subjectivo (*eu*) antecede em regra o verbo, e como esse pronome tem só uma fórma



para o negro, este antepõe naturalmente ao verbo as fórmas que ouviu aos Portuguezas : *eu, me, mim* : e, quando chega a fingir que fala portuguez já diz :

— « *Mim també gosta di sinhó* »

O *di* é que elle não deixou e até o transmittio aos *Brasileiros* do Sr. Brito : — « *Sahio di cá, veio di lá...* »

E o proprio *sinhó* tambem pegou de estaca.

E' sabido que nas linguas *bantas*, especialmente no lundes, o *r* pouquissimas vezes tem som forte : e no fim das palavras nunca se emprega ».

E ainda não contente de ter feito por aqui as cousas já tão... *rózas*, o illustre philologo carrega as tintas com este retoque :

« E assim se explica como muitas e adoraveis *sinhás* do nosso querido Brasil dizem com toda a naturalidade :

— « *Hoje não queo jantá, sinhó, papai; não mi faz bem o comé* ».

As adoraveis *sinhás* do querido Brasil do Sr. Candido de Figueiredo que tiverem mucamas cabindas mandem chamal-as para agradecer : pois elle achou este modo de falar « *dengoso, musical, encantador* »... e por que não corroborante, balsamico, emoliente e alguma cousita mais ?

O cumprimento, segundo parece, vinha endereçado á sala e não á cozinha : mas lá diz o rifão que o bocado é para quem o tem de saborear.

Quanto ao *di* e ao *comé*, desejaríamos que o proveito escriptor nos explicasse como as linguas *bantas* produziram o *mangé* dos francezes o o *di* dos italianos. Estamos talvez na pista de grandes descobertas linguisticas.

E' uma lastima que a historia não dê razão ao nosso preclaro antagonista, mas o facto é que não dá.



A lingua portugueza não se introduzio e propagou no Brasil pela fórma que elle suppõe, e a «linguagem das roças» tem tanta realidade como a linguagem dos maeacos, a das formigas, a das araras, e outras recentemente descobertas pelos naturalistas pachorrentos e vadios.

Não dos africanos nem dos degredados que as justigas de El-Rei para cá mandavam, recebemos nós a lingua que falamos. Os primeiros preceptores do portuguez no Brasil foram missionarios, luminares de sciencia e de vitude, e seus primeiros alumnos os pequenos selvagens, que elles acolhiam carinhosamente e educavam com primor nos seus seminarios. Esses meninos, geralmente dotados de intelligencia viva, passavam sem demora do estudo da doutrina e do portuguez para o do latim, que em breve, na convivencia dos seus mestres, se lhes tornava uma lingua familiar. Assim, o movimento de approximação para o latim culto, que imprimiam então na lingua os quincentistas, encontrava na colonia disposições muito mais favoraveis que na metropole, onde havia os costumes e tradições vernaculas a venerar.

Em contacto com os seus parentes, os jovens seminaristas indigenas lhes foram transmittindo o seu portuguez, onde abundavam os latinismos, e eis ahí como a linguagem do Brasil chegou a apresentar modalidades de limpissima origem, porém extranhas ao fallar europeu.

Os africanos já encontraram esse trabalho concluido. O seu contacto não alterou a estrutura da nossa phrase, apenas enriqueceu-nos o vocabulario com alguns novos termos, em geral familiares, e não agricolas como devia ter acontecido na *lingua das roças*, descoberta pelo Sr. Candido de Figueiredo.

A collocação do pronome atonico no principio da



phrase é uma liberdade filha da construção latina, e tanto o é, que se observa em todas as linguas romanicas, com excepção do portuguez da Europa.

Não tem, pois, o Sr. Candido de Figueiredo necessidade, para explicar o facto, de crear a «linguagem das roças», ponha de parte a cultura cafeeira... e a borracheira.

Se o portuguez é oriundo do latim, não precisamos de roer as unhas até ao sabugo para deseobrir d'onde nos veio um uso, que é commum ao latim e aos dialectos d'elle derivados. A questão verdadeiramente, não é encontrar a razão porque nós, brasileiros, assim falamos, mas a razão porque os nossos irmãos de além-mar assim não falam.

Nós estamos neste ponto em muito boa camaradagem : francezes, hespanhoes, italianos... podemos dispensar os pretinhos do illustrado academico.

Custa a comprehender realmente que, não estando obumbrado por uma preocupação despotica, escriptor de ordinario tão atilado prestasse adhesão a um destempero desta ordem.

Diz-se que a fôrma syllogistica é um meio excellente de patentear as falhas de qualquer argumentação. Applicando á do Sr. Candido de Figueiredo este processo, o resultado é dos mais curiosos. Vejamos :

— « O uso dos casos obliquos no principio da phrase é commum ao latim e ás linguas que d'elle se derivaram. Ora, o portuguez é derivado do latim, logo o portuguez tirou esse uso... das linguas bantas.»

Não ha leis inexoraveis como as da logica.

Conforme acabamos de verificar, o Sr. Candido de Figueiredo, conquanto amigo do Brasil, desconhece consideravelmente o Brasil, em sua linguagem, em seus eos-



tunes, em sua população, em sua historia. E o peor é que, como aquella joven que não sabia tocar piano mas... tocava, o illustre philologo não conhece, mas presume conhecer. Não lhe vai nisso algum desar, o defeito é do meio: guardadas as relatividades, não ha talvez paiz da Europa onde o Brasil seja mais desconhecido e mal apreciado do que em Portugal. Parece impossivel, mas é a realidade.

Uma idéa : por que o nosso illustre antagonista não aproveita agora a exposição do Rio de Janeiro para dar um pulo até cá? Encontrarla, para o receber, amigos braços, e tambem algumas surpresas, fique certo.

Se não fosse o receio de parecer muito pedineção, tambem lhe rogaríamos que, de esminho, desembarcasse no Pará. Veria alli «amor da patria não movido de premio vil, mas alto e quasi eterno», n'uma colonia portugueza que lhe encherla o peito portuguez de satisfação e de orgulho; e além d'isso, conheceria a terra... Havia de ficar convencido do muito que se enganava, quando, nos artigos a que respondemos, em mais de um ponto, deixa transparecer a crença de que o Pará é Fornos de Algodres ou Villa do Peso da Regua.

Belem do Pará é hoje uma cidade; e se não tem a população de Lisboa, nem pôde alnda, a certos respeito, equiparar-se á formosa capital portugueza, em civilização e progresso não lhe é inferlor, e em algumas cousas se lhe avanta.

V

Quem leu o nosso ultimo artigo terá talvez julgado que somos adeptos de alguma nova escola orthographica



(são tantas hoje!) em guerra com os accentos circumflexos.

Pela nossa parte não nos ralou grandemente esta diabrura dos typos, mas figuram alli trechos do Sr. Candido de Figueiredo, despojados da graciosa notaçao que elle tanto aprecia (escreve *português, inglês, mês*, etc.), e com o illustre philologo já o negocio fia mais fino: não queremos que elle seja caipora nas citações que fazemos, como fomos, quasi sempre, nas que elle fez.

Nada! A maneira como affirma o Sr. Candido que se expressam as moças brasileiras, accrescentando com generosa indulgencia: «encanta-me esta denguice e esta musica»... a maneira, dizemos, musical, encantadora, dengosa, não é bem como sahio, é assim:

— «Hoje não *quero jantar, sinhô papai*, não *mi* faz bem o *comê*» (artigo CCCI, publicado no *Jornal do Commercio*.)

Como phonographia do fallar brasileiro, vale tanto a emenda como o soneto; mas ao menos dissipam-se as suspeitas de havermos perversamente alterado aquella ambrosia vocabular, manada dos labios de alguma formosa moçambicana, das que formigam pelo Chiado e adjacencias.

Querem agora os leitores uma receita para fazer rir crianças grandes e pequeninas?

«A's vezes (diz o projecto academico) brincando com os meus pequenos, — que o brincar nem sempre fica mal aos velhos, — faço exercicios oraes de uma lingua-gem que tem a plena approvaçao do Sr. Paulino de Brito, e digo-lhes:

— *Me* digam agora quantas horas são... Vejam se o



gato escondeu-se na despensa, e tragam *elle* ... Todos erguem-se e vão ao jardim... Quem disser-me uma historia, ganha um biscoito... Não assentem-se ainda á mesa... »

E' um *bento-que-bento-frade* de nova especie, este brinquedo de pronomes, que muito abona a pachorra do inventor.

Se divertido ou não, cousa é que facilmente se avalia, pelo effeito produzido nos taes pequerruchos.

Dil-o o mesmo Sr. Cândido de Figueiredo : «E' uma risota em toda a linha !»

Tão pequenos e já tão... Hilarios !

Uma pergunta: esse folguedo não é acompanhado de umas coegasinhas na barriga ?

Interessa-nos, entretanto, muito mais saber, onde vio o nosso illustre adversario que a linguagem dos seus alegres exercicios «*tem a plena approvação*» deste seu admirador e criador ?

O que temos sustentado é que em phrases como «*todos erguem-se*», «*quem disser-me*» etc., etc., o pronome localiza-se melhor antes do verbo, não porque a attraia isto ou aquillo, mas porque a posposição, accrescendo syllabas atonas ao vocabulo, altera-lhe o typo prosodico : produz o effeito de um recuo do accento tonico, quando a tendencia geral é, ao contrario, para o avanço. Conclue-se dahi que a preferencia pela anteposição, como mera preferencia que é, nada tem de inviolavel e cede naturalmente ás necessidades da clareza e da euphonia.

Quanto ao caso atonico principiando a phrase, é certo que cahio em desuso na linguagem litteraria, não por ser incorrecção, pois é do genio latino e se encontra em todos os idiomas neolatinos, mas porque assim o



quizeram os portuguezes, empenhados em distanciar cada vez mais a sua lingua da castelhana.

Não se chama a isto *odio nacional*, como diz e pensa o Sr. Candido de Figueiredo, mas patriotismo, e do mais bem orientado, pois n'uma nação zelosa da sua independencia e tendo-a tão permanentemente ameaçada como Portugal, melhor que quanto Minho e quanto Guadiana é a differença da lingua a verdadeira raia que a separa do seu antigo tronco.

Isto, que sustentamos e temos sustentado, tanto se parece com o que nos foi attribuido no trecho acima transcripto, como uma tartaruga pôde parecer-se com um tamanduá-bandeira.

E por fallar em *tamanduá*, que, segundo o Sr. Candido de Figueiredo, no seu apreciavel dictionario, se emprega figuradamente por «questão moral de difficil solução», estamos em presença de um, que não tem pequenas unhas: como pôde affirmar o circumspecto escriptor que «tragam *elle*» é linguagem que *approvamos plenamente*? Quem lh'o disse? Onde leu? Onde viu?

Um cathedratico de Lingua Portugueza em dois estabelecimento superiores de instrução official, a quem se argue de achar correcto um solecismo desta ordem, tem quasi o direito de se julgar calumniado.

Não lançaremos, porém, o facto a conta de má fé ou deslealdade do nosso illustre adversario; equivoco, nada mais! No calor da brincadeira com os seus risinhos infantis, pulou, sem dar por isso, a cerea que separa os dois campos — o da Regencia e o da Construção...

Todos sabem que *tragam elle* não é expressão correcta, e porque não o é: sendo nominativo o pronome, a sua função propria é a de sujeito da oração, não a de complemento, que alli está indevidamente exercendo.



Isso é grammatical, claro, positivo. Quizeramos que o Sr. Candido de Figueiredo, do mesmo modo claro, positivo e grammatical, nos explicasse porque «vejam se o gato escondeu-se» é incorrecto.

«*E'*, porque é» não é uma razão, é um sophisma. «*E'* erro, porque o povo portuguez assim não usa» é outro sophisma, um pouco mais recheado, porem não menos descabellado que o primeiro, visto que o Sr. Candido de Figueiredo estabelece como premissa aquillo que astá por provar.

Ao costume do povo portuguez contrapõe-se, no caso vertente, o costume do povo brasileiro : sendo ambos estes costumes justificaveis perante a grammatica, resta saber porque ha de um delles ter o direito de supplantar o outro. Eis o que se procura, eis o ponto importante da questão : e parece inverivel que um escriptor com a perspicacia do Sr. Candido de Figueiredo não o tenha ainda comprehendido.

Ha brasileirismos e brasileirismos. Os que são erros, não tem defeza, mesmo sendo de uso frequente por ignorancia ou por desidia.

É o que se dá com o emprego do pronome nominativo como complemento : comquanto commum na linguagem popular e familiar, nunca foi adoptado pelos nossos escriptores, em cujas obras debalde o Sr. Candido de Figueiredo procurará «tragam elle — eu vi elle» e outras semelhantes expressões, manifestamente incorrectas.

Se os brasileirismos de collocação, de que nos occupamos, fossent desta ordem, a discussão seria oclosa, não havendo a menor duvida que deveriam ser proscriptos da boa linguagem ; mas não o são, isto é, não são *incorrectões*, o Sr. Candido de Figueiredo com tod



a sua invejável erudição, ainda não arranjou, para provar o contrario, cousa melhor que o tal « é erro porque é erro » ou « é erro porque em Portugal não se usa ».

Exigir que no Brasil se fale e escreva correctamente, é muito justo: mas que só se fale e escreva como em Portugal não deixa de parecer pretencioso.

Pois que ! ? Não concordam todos, que nas linguas vivas não existe a immobilitade absoluta ? Que as linguas vivas não podem ficar estacionarias, não podem deixar de se desenvolver, de se transformar no tempo e no espaço ? O seu equilibrio não é o equilibrio *instavel* ?

Não reconhecem todos que o portuguez no Brasil tem-se modificado, e ha de continuar a modificar-se fatalmente, sob a acção das leis que regem os phenomenos linguisticos ?

Que logica, pois, é essa, pela qual um modo de expressão não deve ser permitido *aqui*, porque não é usado *alli*, deve considerar-se um erro *agora*, porque não era empregado *anteriormente* !

Sabemos que não ha casta de escriptores mais obstinados e aferrados ás suas opiniões do que os philologos ; mas em cousa assim tão clara, a obstinação roça pela eegueira. E' preciso que a intelligencia tenha tambem o seu *punctum caecum* para explicar-se esta falta parcial de visão em pessoas de ordinario clarividentes, como o nosso illustrado antagonista.

Sim : uma vez que as alterações da linguagem são fataes, inevitaveis, o que compete aos eruditos é guial-as ou encaminhal-as, para que não se afastem das normas da correcção grammatical e do bom senso. Ora, os brasileirismos de collocação de pronomes, aquelles de que nos occupamos, são perfeitamente correctos e perfeitamente sensatos. Neste caso, o que havia a fazer era recebê-os do



povo, azeital-os, e foi o que fizeram Alenear, Gonçalves Dias, e os escriptores brasileiros em geral.

O Sr. Candido de Figueiredo, porém, e seus discipulos, não se limitam a querer *dirigir*, ou mesmo *sustar* o movimento: mettem hombros valentemente contra o uso brasileiro para fazel-o *revar*, para desfazer o feito, e desandar o andado!

Consola-nos lembrar que a tarefa a que se entregam muito se assemelha á de Sisypho. Não ha duvida que *infitus est numerus* dos que receberam a lieção, e guardam-na como cousa preciosa; mas o trabalho ficou á flôr da terra: o povo, nas camadas inferiores, nem d'elle teve noticia, continúa a falar como falava; e é na lieção do povo que irão retemperar-se, mais bem inspirados, os escriptores de amanhã.

Tendo nós affirmado que, no portuguez da Europa, ainda se notam vestígios do pronome atonico principian-do a phrase, exclama o Sr. Candido de Figueiredo indignado:

«Pois o que eu nunca ouvi em mais de cincoenta annos, ouvi-o o Sr. Paullho de Brito em menos de cincoenta dias ou de cincoenta horas, ao atravessar uma vez ou duas este rincão da Europa occidental!

Seria deprimir dizer-se-lhe que falta á verdade. Ouvio aquillo, certamente, mas, como não quer denunciar quem l'ho disse, vou eu denunciá-lo.

Uma de duas: ou algum trocista de mão gostlo quiz lisongear o Sr. Brito fallando-lhe á moda do Pará, ou o seu criado de hospedaria era paraense.»

Nem uma cousa nem outra, sendo que a segunda hypothese, além de forçada, é das mais inverosmeis: os paraenses não costumam ir á Europa ganhar a vida, e por isso não os ha, por lá, criados de hospedarias. Quando



algun paraense passa á terra do Sr. Candido de Figueiredo é para ser amo, não para ser criado.

Depois da sua contestação tão peremptoria, e do seu assomo de indignação tão pouco justificavel, o illustre vingador do dizer vernaeulo conheceu que se afoitara, e eil-o no artigo seguinte, um pouco menos rispido, ou um pouco menos terminante.

Lembrou-se da expressão — *Me-melem*—muito usada pelo povo, em Portugal : « *Me-melem* se os entendo ! *Me-melem* se aquillo é delle ! » etc., etc. O proprio Sr. Candido de Figueiredo já empregara essa locução ; e não podendo contestal-o, ou tampouco negar a existencia della, é curiosissimo o modo por que pretende escapular-se da difficuldade :

« Outras corruptelas, diz elle, ainda mais espantosas tenho em subscripto, quando estou de bom humor e o caso não é serio. Por exemplo : — Isso não se *tolora*, nem se *admete* ! — Segundo a hermeneutica, ou antes, segundo a casnistica do Sr. Paulino de Brito, *tolora* e *admete* são fórmulas exactas para mim, porque eu as subscreevi ! »

Chama o vulgo a isto — falar em alhos e responder em bugalhos.

«No Pará — continúa a hermeneutica do Sr. Candido de Figueiredo — *Me-melem* será fórmula plausivel e talvez corrente; em Portugal é uma ellipse pintoresca, que ninguém empregaria a serio.»

Esqueceu o illustre philologo, varreu-se-lhe da memoria inteiramente, que a questão não é averiguar se — *me-lem* — é expressão fidalga, mas se é ou não *portugueza*. Não resta duvida que o é, e o Sr. Candido de Figueiredo, quando a empregou, não foi por tel-a ouvido no Brasil. Empregou-a como plebeismo portuguez, não como ple-



beismo brasileiro. Não tem paridade com o seu *tolora* ou *admete* : uma chocarrice não é um documento linguístico, poderá sê-lo de outra espécie ; uma locução popular, porém, o é, e a de que tratamos prova que na linguagem do povo portuguez sobrevivem vestígios do antigo uso do pronome atónico em principio de phrase, conforme a asserção que tanto scandalizou ao preclaro academico de Lisboa :

« A facecia tem direitos » diz elle. E a logica tambem.

No Brasil não é usada a locução — *me-melem*. — Outras ha, porém, communs ao Brasil e a Portugal. Se o Sr. Candido de Figueiredo chegar a realizar um dia os votos nossos, e de outros seus admiradores, indo ao Pará, não lhe chegará aos ouvidos nenhum — *me-melem*, mas hade ouvir a cada passo: « *T'arrenço ! T'esconjuro !* » e como taes expressões começam ainda por pronome atónico, e são tambem portuguezissimas, ficará talvez salutarmente confirmado no perigo das contestações e indignações precipitadas.

Que — *me melem* — seja « provavelmente a fórma elliptica de — *voçs me melem* », como insinua docemente o Sr. Candido de Figueiredo, cousa é que o proprio de La Palisse não poria difficuldade em conceder. Infelizmente para o Ilustre philologo, não vemos em que possa aproveitar isto á sua argumentação, uma vez que pelo mesmo processo se justificam todos os pronomes atonicos em principio de phrase, tanto portuguezes como brasileiros. « *Me digam que horas são* » é a forma elliptica de « *Voçs me digam que horas são* » ; « *Me parece que está enganado* » a de « *O senhor me parece que está enganado* » ; « *Lhe peço muitas desculpas* » a de « *Eu lhe peço muitas*

desculpas» etc., etc. Tudo isto *provavelmente...* está visto!

VI

A impressão da nossa monographia — *Collocação dos Pronomes* — foi executada em Pariz, pela livraria Aillaud.

Sem intenção de *reclamar*, que seria escusado, para esta secular e conhecida casa, devemos dizer que as suas edições em portuguez se fazem com um esmero de correção e de revisão, que mesmo no Brasil ou em Portugal é raro obter-se.

Cousa curiosa, entretanto: no nosso dito opusculo, escripto em portuguez e impresso em França, o *cochilo* mais notavel, senão o unico, appareceu em duas linhas de francez, dous versos de Boileau que alli se deparam!

Eseremol-os certos; sahiram certos na *Provincia do Pará*, onde primeiro publicamos o nosso trabalho... e vieram estropiados de França. Fique intacta, ao typographo ou ao revisor de *lâ-bas*, a gloria de ter querido ensinar ao *legislador do Parnaso*, seu patricio, os easos em que é preferivel empregar o adjectivo *mauuais*.

Pedinios ao illustre Sr. José Verissimo, a cujo olhar exercitado não escapou que citamos, errando-os, os versos de Boileau, a graça da absolvição.

Quanto ao Sr. Candido de Figueiredo verificamos, cheio de pezar, que miagnado já é o pabulo que a sua contestação vai fornecendo á nossa controversia.

Gastou o esforçado philologo um tempo precioso (do



artigo CCLXV ao CCLXX) a demonstrar, com cerrada exhibição de textos, que nos escriptores brasileiros se encontram casos de collocação de pronomes que não são brasileirismos... cousa que ninguem até hoje, que nos conste, teve a lembrança de contestar.

A proposito, vemos que é preciso desfazer um equivoco, no qual o Sr. Candido de Figueiredo não é talvez o unico a estar laborando.

Como o projecto academico sustenta que fóra do portuguez da Europa não ha salvação, diga-se correção, e que é mortal peccado, aqui do outro lado do Atlantico, arredarmos um dedo sequer das pisadas que deixaram na linguagem os nossos antepassados, pareceu-lhe que a nossa these era a reciproca: elle sustentando que o brasileirismo é erro crasso; nós sustentando que erro crasso é o lusitanismo.

Bem sabemos que nas discussões costuma ser assim: em regra, o que diz este que é preto, affirma aquelle que é branco, e o que este proclama de uma braneura ideal, aquelle classifica de negro.

Desta vez, porém, fálhou a regra, porque sustentamos que a maneira de collocar pronomes á brasileira, e a maneira de collocar pronomes á portugueza... ambas são braneas.

Sim, não pretendemos que a primeira se prohiba, mas que a segunda se permitta, pois uma e outra se justificam perante a grammatica, o bom senso e as fontes da nossa linguagem. A lingua, afinal, deve conceber-se como precioso utensilio, não machina perversa; é meio de fixar e transmitir as idéas, não é instrumento de tortura; é aza á intelligeneia para voar, não é barra de chumbo aos pés para tolher.

Quão maravilhoso é o organismo da linguagem, o



bello e divino dom, deixado ao homem como lembrança dos seus dias de Paraiso! O nosso idioma tão rico e vigoroso, em sua contextura nobremente romana! Que formidável força põe elle ao serviço do pensamento! Comprehendel-o, dominal-o, devassar-lhe os segredos é utilissimo por certo, e para isso preciza-se de luz. Mas o regalo que certos philologos estão fazendo aos olhos dos seus leitores não é luz, é poeira dourada.

Com esse perigoso adminículo qualquer poderá enredar-se á vontade em teias de aranha, perder-se nos escusos meandros da expressão verbal, mas não aprenderá jamais a servir-se della como pincel, ou buril, ou plectro, ou alavanca: ella não será jamais nessas mãos perplexas e medrosas nem flexivel florete nem pesado montante... nem cousa delicada, poderosa ou terrivel enfim, da qual se possam esperar resultados importantes e fecundos.

Orá, imaginemos que um joven faz as suas primeiras armas como jornalista, como orador, como poeta, e no afan de conseguir um estylo sem jaça, toma ao serio a theoria da gravitação das palavras.

Atira-se ao assumpto e perde os seus melhores momentos de inspiração a estudar as palavras que attrahem *sempre* o pronome, as que *nunca* o attrahem, as que *indifferentemente* o attrahem e o não attrahem, as que *normalmente* attrahem e *anormalmente* não attrahem" (vide Candido de Figueiredo, artigo CCCIII). A tarefa não tem nada de suave: só a classe que *indifferentemente* attrahem e não attrahem daria que pensar ao proprio Aristoteles... Como que taes vocabulos são dotados não só de attração, como de volição: quando querem attrahir attrahem, quando não querem, não attrahem; simples questão de capricho ou de veneta.



Além do mais, o que o illustre academico e outros philologos da mesma escola têm legislado sobre a collocação dos pronomes, se fosse compilado, já dava um livro tão volumoso como o *Corpus Juris*. Tratando-se, porem, de consolidar, não havia para meia columna.

E' fóra de duvida que o nosso joven, por ahí, não estaria no melhor dos caminhos para ganhar as suas esporas. Tão arduo tirocinio não lhe valeria para melhorar o estylo, nem no fundo, nem na fórma. Depois de se debater angustiosamente nesse cháos por algum tempo, só aprenderia a andar, pelos dominios da palavra, estrangido e assustadiço, como quem se aventura em casa nua assombrada.

Era de receiar cousa ainda mais tragica : entre duas palavras attractivas uma solicitando o pronome para um lado , outra para outro, com igual energia, o pobre noviço entalado ou desesperado podia quebrar de vez a penna, como a celebre *personagem* de Buridan morrendo a fome, sem poder determinar-se entre dous feixes de feno do mesmo tamanho.

Dir-se-ia que ha na humanidade um fundo do espirito pharisaico, herva daninha cuja semente não pôde morrer, que germina de tempos a tempos, enleitando-se ora á religião, ora á philosophia, ora á jurisprudencia, ora á litteratura, ora á arte etc. O tronco a que se apegou perde logo toda a seiva e vigor, fica estiolado e secco.

Presentemente, aqui, a victima escolhida é a lingua de Canões.

Ao entender de certos philologos, não se fala ou escreve para exprimir os pensamentos, mas para collocar os pronomes.

Curlosissima a argumentação, e ainda mais curiosa a enchieção com que elles ensinam, por exemplo, que a



phrased — *me parece que vai chover* — é um erro erasso ; se dissermos, porém, — *eu parece-me que vai chover* — isto sim, é portuguez, e do bom, e do mais puro.

Assim vem a logica a ficar subordinada á lingua, em vez de a lingua subordinar-se á logica, como transumpto da idéa que é. A segunda phrase, logicamente um disparate, está correcta; a primeira, perfeitamente logica, está erradissima!

Verdadeiramente característico. E' o que chama o Evangelho engulir um camelo e engasgar-se com um mosquito.

Urge, entretento, precaver a mocidade contra essa obra nefasta e esterilizante, da subtiliza e da micrologia applicada á linguagem. Uma tal philologia dá cabo ao mesmo tempo do estylo e da intelligencia.

Fol no interesse dos nossos discipulos principalmente, que começamos este trabalho, que reputamos de sinceridade e probidade professional, e do qual não nos sentimos arrependido. Ainda com diminuição da alta idéa que o vulgo soe formar da sciencia, quando lhe apparece envolta em mysteriosos véos, é fóra de duvida, quanto a nós, que o nosso dever, o dever de todos que têm a pretensão ou o officio de ensinar, é tornar faceis quanto podemos as cousas diffleis, e não dificultar e embrulhar aquellas que são clarissimas.

O flagrante desaccôrdo reinante entre a grei dos ditos philologos, que se desabonam e refutam reciprocamente, mesmo nos pontos que apregoam mais bem asentados, como este da collocação dos pronomes, tira todo eunho de utilidade ás suas lições, excepto para uma ou outra pessoa cujo fim seja apenas habilitar-se ao campeonato n'esse novo genero de *sport*.



—Qual a tua impressão—perguntavamos um dia a certo amigo, que acompanhara com vivo interesse uma destas polemicas.

—A minha impressão—respondeu-nos, a impressão que me deixou esse bate-bôca litterario, é que tudo se pôde dizer e nada se pôde dizer, tudo é erro e nada é erro. Finalmente, não accrescentei cousa alguma ao que sabia, e fiquei duvidoso de muitas que julgava saber.

Quantos diriam o mesmo, se quizessem ser sinceros!

Repete-se, a cada passo, que isto ou aquillo é, ou não *bom portuguez*; fala-se das *normas e tradições da lingua*, da *lição dos classicos* etc. etc., mas ninguem liga um sentido bem preciso a essas expressões; tudo isso é vago, tudo isso tem a significação que, de momento, se lhe quer prestar.

Ha classicos e classicos: de diferentes épocas, de varios matizes, de desigual autoridade. Todas as suas obras não *documentos* para a historia da lingua, mas nem todas são *modelos* que se possam propôr. Ahí se encontram cousas a *imitar* e cousas a *evitar*. Ha fórmulas contradictorias de classico a classico, e não raro de um classico ao mesmo classico. Os seus livros, longe de primarem pela rigorosa correção, apresentam innumerables lapsos, oriundos do descuido dos proprios autores, ou da negligencia dos copistas, ou dos erros de typographia e revisão, tão frequentes em épocas de atrazo e ignorancia.

Os classicos, enfim, glottologicamente considerados, são pobres peccadores como nós, alguns delles mais illuminados do que alguns de nós, e todos tendo sobre nós a vantagem da consagração convencional, justa ou injusta.

Quão exorbitante não é, pois, suppôr a impecca-



bilidade e a juventude eterna de suas obras, sumidas no polme de tres, quatro e mais seculos, para forçar por ellas o estalão da linguagem corrente, ajustada ás necessidades do pensar hordierno !

Argumentando sempre com a autoridade dos classicos, não é de admirar que um grupo de philologos, aliás distinctos, chegasse ao gráo de discordia em que actualmente gastam suas forças. Onde o campo é largo para o arbitrio, não pôde deixar de ser apropriado a tal cultura.

El parece que ha de ser assim enquanto não se estabelecer uma tabella nominativa, qualificativa, demonstrativa e comparativa do valor dos classicos, caso em que se tornará não só possível como talvez até divertido decidir com elles todas as controversias, em um novo taboleiro de xadrez, dando cheques ao rei Camões, e jogando com os cavalleiros e a peonagem do castiço dizer portuguez.

Do exposto não se deve inferir que perpetro a horrivel blasphemia de negar todo peso á autoridade dos classicos. Ai de mim! O que eu digo é que esse peso é relativo, que as decisões delles não são inappellaveis, e que as suas obras não devem constituir trambolho, para empecer o movimento do que não pôde deixar de caminhar. Convençamo-nos de que acima dos classicos está o povo, que faz a lingua, está o senso comum, que dirige esse trabalho, e está a grammatica, que é o exame da razão applicado aos factos da linguagem.

Acode-nos, a proposito de grammatica, o que lemos ha dias, em um dos nossos jornaes, firmado por escriptor de muito talento. Sente elle vivamente o estado de anarchia, que ameaça os dominios da palavra, e imputa o mal



aos grammaticos, optando como recurso, no meio das incertezas que resultam das suas dissensões, pelo desprezo completo das regras, pelo septicismo absoluto em assumpto de disciplina grammatical.

A queixa é justa, mas o remedio proposto é peor que a molestia, e a culpa, a principal, pelo menos, não cabe aos grammaticos, cabe aos philologos.

A grammatica, digam della e que disserem, é um corpo de doutrina, e não offerece, como a philologia, um espaço sem limites a devaneios e phantasias de toda sorte. Nota-se, talvez por isso, que os philologos em geral não gostam da grammatica, e sempre que encontram occasião falam mal della, anesquinhando-lhe a importancia, sob pretexto de que *não ensina a falar e a escrever*, como vulgarmente se diz.

A grammatica não ensina a falar e a escrever, mas nos subministra a luz para conhecermos quando falamos ou escrevemos certo. A que se afastar muito disto não será grammatica, mas falsificação de grammatica, e infelizmente ha muitas.

Essa luz não raro prejudica os entes de razão dos philologos (como no caso da attracção vocabular), e é esse, conforme o sentir desses doutores, o principal defeito da grammatica.

Alguns, de mais a mais, se mostram tão esquecidos della... da elemental, sobretudo, e seria tão proveitoso para os seus trabalhos não a perderem de vista!

Desar nenhum, julgo eu, haveria em soprarem uma vez por outra o pó ao seu Soares Barbosa, ao seu Oliveira, ao seu Padre Duarte. Folheando essas paginas impregnadas de saudosas recordações, lhes viria porventura um bafejo da adolescencia, do tempo em que eram discipulos,



em que torravam as pestanas sobre os compendios, em que se viam em talas para responder... e então — quem sabe? com essa lufada suggestiva de outr'ora, se lhes re-avivaria o sentimento do bem que é tornar as cousas simples e claras para os que aprendem.

Parecerá talvez singular esta idéa, de um philologo baixar dos seus intermundios, das altas regiões em que se libram majestosamente os relativos, os pronomes, os adverbios, etc. etc., para correr os olhos sobre a velha e desprezada artinha... Ninguem nos convencerá, entretanto, que não seja bom para o theologo saber de cór o seu catecismo, e para o mathematico ter a sua taboada na ponta da lingua.

VII

Escreveu o Sr. Candido de Figueiredo no III volume das suas *Licções*, o seguinte :

«Pois é verdade: ha proposições irreprehensivelmente grammaticaes, e que, não obstante, são erros de linguagem.»

E cita exemplos, uns tirados de jornaes portuguezes, outros do modo de falar brasileiro: «Eu me approximei para dizer-*the*» — «Dize ao João que traga-me o cavallo» etc.

Ensina o illustrado philologo que o pronome *the* no primeiro caso e *me* no segundo estão erradamente collocados.

Commentando essa *licção*, escrevemos :



«Ha no trecho acima transcripto cousas bem difíceis de explicar.

Não podemos entender, por exemplo, como em — *para dizer-lhe*—ha erro crasso, e não constitue linguagem portugueza, quando o autor dos *Lusiadas*, que era portuguez e classico a mais não poder, escrevia :

« *Para servir-vos*, braço ás armas feito ;

« *Para conlar-vos*, mente ás musas dada.

Nessa época, segundo parece, a preposição *para* não se entregava ainda ao luxo do attrahir os incautos pronomes, ou, se o fazia, não era Camões dos que mais se ralavam com isso.

Tambem não atinamos como um erro crasso de linguagem pôde não ser uma arranhadura, sequer ligeira, á grammatica, sendo um erro de collocação, isto é, de *construcção*, que é parte da syntaxe.» (*Collocação dos Pronomes*, pags. 16 e 17.)

A isto responde o Sr. Candido de Figueiredo que «fingimos ignorar» o sentido em que elle empregou o termo *grammatica*... Não se referia á grammatica, mas ás *grammaticas* — á nossa, e ás outras, que se têm ensinado nas escolas.

Assim, quando alguém fala em «erro geographico, *verbi-gratia*, deve entender-se que trata não da geographia, mas das geographias — a do Novaes, a do Laeerta, etc., etc. No conceito do abalizado academico, isto é claro como agua de Caneças. Quem comprehender de outro modo... *finge!*

A nós não nos parece a coisa assim tão crystalina, talvez por nos lembrarmos do que dizia a cartilha, a respeito das restricções mentaes.

D'estas, algumas ha que não deixam de conciliar n



indulgencia, como aquella que refere o bom Padre Manoel Bernardes, se não nos falha a memoria, de certo monge, que, interrogado em seu caminho -- por um mal, intencionado, sobre a direeção que tomara outro individuo, não poz duvida em responder ; «Por aqui não passou !» E não era verdade; mas, dizendo «por aqui» apontava sorteiro para dentro da manga do habito; com o que salvou ao perseguido, e julgou tambem não dizer mentira.

O certo é que as restricções mentaes fornecem ás vezes bons... (não digamos bons) magnificos expedientes para resolver situações difficeis.

No seu CCLXXXVII artigo, o proveeto vernaeulista nos lança uma tremenda imputação. Tiuhamos escripto:

«De parte a nova seita dos pronominalistas, perguntamos uma vez por todas, e muito seriamente — em que a collocação de uma ~~virgula~~, cujo lugar é *junto ao verbo*, *particula* poderá ferir a bôa linguagem sendo collocada depois e não antes, ou antes e não depois, desde que um principio qualquer não seja com isto postergado?»

Objecta o Sr. Candido de Figueiredo, com todo o peso da sua esmagadora autoridade — que «a pergunta não está feita em portuguez»... E sabe o leitor o que transformou aquillo em arabe ou sanscrito? Foi ficar o sujeito antes do verbo, em oração interrogativa.

«O Sr. Paulino de Brito terá ouvido e lido phrases taes na sua terra (continúa o melindroso philologo; em Portugal, nunea as ouvirá, nem se lhe depararão em bons escriptores portuguezes».

Não dispomos dos meios para a experiencia, nem temos infelizmente cá, á nossa beira, os bons escriptores portuguezes, para proceder nelles a uma vaseulhação e esquadrinhação em regra dessas a que o egregio acade-



nico se entrega diariamente, para chegar a tel-os todos assim — tão de cór e salteados !

Louvamo-nos, para evitar cancelas, na affirmação do esclarecido mestre; não só nesse ponto, como quando ensina, a seguir, que o negregado periodo se tornaria são e escoreito, e o vasconço viraria, ou reviraria portuguez e o sujeito poderia ficar em paz antes do verbo, se em lugar de — *em que* — estivesse escripto — *em que é que* !

Isto, a muitos, como a nós, parecerá por demais subtil «fino como banha de sueurijú», na expressão do caboelo amazonico, o qual afirma que a dita gordura, posta no concavo da mão, filtra e goteja pelo lado opposto.

Mas, o que escóra o conceito emittido pelo Sr. Candido de Figueiredo é um raciocinio muito em voga, não obstante o seu nenhum valor. Os puristas militantes concluem agora ordinariamente as suas prelecções com esta fórmula sacramental: «Assim se fala em Portugal!» E' uma especie de «tenho dito», ou revogam-se as disposições em contrario». Veja o leitor :

Phrases taes o Sr. F. as terá ouvido ou lido *na sua terra*; nunca, porém, as ouvirá ou lerá *em Portugal*; portanto, *não se exprímio em portuguez*».

A debilidade, ou antes anemia profunda deste arrazoado é manifesta ; para julgal-o procedente, seria preciso admittir nada menos de dous despropositos : como premissa, que só em Portugal se falla portuguez ; como consequencia, que a linguagem no Brasil está condemnada á immobildade absoluta, para não deixar de ser portugueza !

Tanto valerá afirmar que o hespanhol fallado na A merica não é hespanhol, nem o inglez é inglez ; ou que os *Lusiadas* não estão escriptos em portuguez, pois a



linguagem de Camões não é precisamente a das *Chronicas* de Fernão Lopes, ou a do *Cançãoeiro* d'El-Rei D. Diniz!

Mas, que idéa formará o Sr. Candido de Figueiredo do que seja uma lingua viva?

Parece inconcebivel que ao seu esclarecido espirito se afigurasse razoavel uma pretensão desta ordem. Quem sabe! talvez o seu intuito não fosse muito além do innocente prazer de nos infligir um quinhão.

A gloria não seria fulgente, nem a nossa humilhação muito profunda, se houvessemos de estender as mãos á laureada e academica palmatoria. Fal-o-íamos até desvanecido, uma vez que nos convencessemos de haver errado; mas o caso é que não nos convencemos.

A um escriptor que consagrou mais de um artigo (CCLXXIX. CCLXXX. etc.) a mostrar a influencia da *intenção* e da *entoação* sobre a fórma constructiva das phrases, não devia escapar tão facilmente que ambos esses motivos favorecem a do periodo tão severamente censurado.

«Eu pergunto isto» ou «pergunto aquillo» só é pergunta pela intenção; a entoação é affirmativa. «Aonde vais? não tem precisamente a mesma inflexão que «pergunto aonde vais.»

Exame um pouco mais attento, ou um pouco menos dominado pelo espirito *cavativo* de erros e grelos, mostraria ser este o nosso caso: «Perguntemos uma vez por todas -- em que a collocação de uma particula», etc., 'etc.

Poderia o Sr. Candido de Figueiredo argumentar com os acentos interrogativos por nós collocados, e não poderíamos menos ropliear-lhe que é commum o uso



dessa notação para assignalar a simples intenção interrogativa, ainda que a phrase não seja uma interrogação. *Verbi-gratia* : «Desejaria que me dissesse onde o posso encontrar?»

Mas isso é o menos. Concedamos que a phrase seja perfeitamente interrogativa. Collocado o sujeito como quer o Sr. Candido de Figueiredo, iria envolver-se com outros elementos da proposição, que vêm depois do verbo. Sofreria com isso a clareza, que é mais do que a primeira virtude — a primeira necessidade do dizer.

A collocação do sujeito antes do verbo, foi determinada pela conveniencia de o distinguir, de o pôr em evidencia, para auxlliar a comprehensão do leitor. Ora, isto é permitido, mesmo nas phrases interrogativas. Lêa o Sr. Candido de Figueiredo :

«Nas phrases interrogativas a inversão é mais de uso : *podermiaes vós dizer hu ficou ?* (L. Linh.) *Receava-se Mithridates dos toxicos ?*

«Mas o sujeito antepõe-se ao verbo quando o queremos pôr em relevo : — *Vós me perguntades per vossa amada ?* (Canc. D. Din.) *Vós quem sois ? Eu faria tal cousa ?*» (Pacheco Junior e Lamelra de Andrade — *Noções de Grammatica Portugueza.*)

Bem sabemos que eltações de grammaticas e grammaticos não são as mais proprias a abalar o nosso illustre antagonista para quem ellas e elles não andam muito em eheiro de santidade. Abre uma excepção, é certo, para o Sr. João Ribeiro, «o primeiro grammatico do Brasil de agora», conforme o proclama no artigo CCLXV. Em outro artigo, o CCLXIX, denuncia que nós «até da competencia de João Ribeiro temos duvidas ! Aquelle *até* dá a medida da gravidade do peccado. Prouvera a Deus não nos pezassem outros na consciencia,



Não temos idéa, entretanto, de haver emitido opinião sobre a competencia do Sr. João Ribeiro. Sobre os desacertos que se encontram nas suas grammaticas, isso sim.

Mas o que iamós dizendo era que as blandicias do Sr. Candido de Figueiredo não perdem por uma excessiva disseminação. Já reconhecemos o seu parecer a respeito do Sr. João Ribeiro. Vejamos o que diz dos *outros* :

“E’ claro que me referi á grammatica do Sr. Brito e á grammatica que se tem ensinado em todas as nossas escolas. Mas essa não é a grammatica que se deve fazer e que se ha de fazer” etc.

Não passará sem um pequeno protesto.

Temos duas grammaticas, a *Primaria* e a *Complementar*. Esta, o Sr. Candido de Figueiredo confessa não a conhecer. Mesmo a primeira, porém, considerasse-a um pouco attentamente e temos fé que não a involveria no blóco das fulminadas pela sua excommunhão. Muito ao contrario do que affirma, a grammatica por nós feita “*é a grammatica que se deve fazer e que se ha de fazer*”, em bené das pobres creanças principalmente, que ás vezes, em certas obras escolares, das mais adoptadas e favorecidas, encontram verdadeiros instrumentos de deformação e de tortura para a intelligencia.

No afan de transportar para os livros de ensino os progressos da linguistica e da philologia nos ultimos tempos, alguns autores didacticos desorganizaram a nossa velha grammatica elementar. Os compendios estavam realmente a pedir um pouco de *sangue novo* ; mas prestavam melhor serviço, assim mesmo antiquados, do que depois que sobre elles rolou a onda tumultuaria das novidades. Com as vetustas artinhas, os estudantes bons sahiam das classes sabendo alguma coisa, que lhes servia



para toda a vida ; com as chamadas grammaticas modernas, ou modernizadas, porém, vio-se que os melhores alumnos apenas conseguiam atordoar-se de noções confuzas, que não podiam utilizar para coisa alguma, nem guardar na memoria por muito tempo.

Semelhante situação prejudicava principalmente aos discipulos, mas eram os mestres os que mais se affligiam.

Pareceu-nos que o unico remedio, para combater os máos effeitos desta curiosa crise, era um paciente e inglorio trabalho de respiga, destinado a discernir, na *rudis indiges taque moles* das immaturas innovações, quaes as que por bôas ou acommodaticias deviam ter praça, e quaes as que forçadamente haviam de ser lançadas ao mar como... sobrecarga (aqui é o caso).

Succede a quem mexe em casa antiga, diz o povo, fazer obras em que não tinha pensado. Aconteceu-nos isso reconhecendo em breve que, em vez de nos limitarmos a laborar sobre a materia nova, estavamos a revolver todo o velho edificio grammatical.

O professorado interessou-se pelo nosso trabalho, e nos animou a publical-o mais tarde, enfeixado em dous compendios, dos quaes um é ampliação do outro. Muito modestos, tiveram, entretanto, como se vê, o merito da oportunidade ; ousaremos dizer que tambem o da utilidade, pois onde são adoptados prestam bons serviços, e os professores não querem outros.

Em um paiz onde geralmente se julga que as obras para uso da infancia devem occupar o ultimo degráo, na escala descendente da fancaria litteraria, e que para eserevel-as com successo, em duas ou tres pennadas, o principal é dispor de influencia e bôas relações, com que se alcançam as approvações facéis e as adopções por gentileza — em um paiz assim, diziamos nós, não é muito commum



gastar-se tempo e paciência com essas *ninharías*; mas quem chega a fazer o sacrificio cria-lhes amor.

Releve, pois, o Sr. Candido de Figueiredo não abandonarnos sem defesa a nossa humilde produção, sobre a qual acreditamos relanceasse alguma vez os olhos... distrahidamente. Aliás facil lhe fôra perceber, como perceberam competentes julgadores, "que esse livrinho significa um progresso pedagogico, sendo notavel pela concisão, clareza e methodo com que expõe a materia; que não accusa um simples criterio de *compilação*, como geralmente os seus congeneres, mas um verdadeiro trabalho de *organização* e *methodização grammatical*", etc. Veria que ahí não se *ensinam duvidas* á juventude, nem se lhe extenúa o entendimento com quebra-cabeças, quando não verdadeiros absurdos, como as orações *desverbadas* do Sr. João Ribeiro. Nas nossas grammaticas o substantivo é substantivo, o adjectivo é adjectivo, o verbo é verbo, o pronome é pronome, e os elementos essenciaes da oração ainda são bastante simplorios para corresponder logicamente aos do juizo, que ella enuncia. Sem a idéa de relação não ha juizo, e a relação é expressa pelo verbo; mas o Sr. João Ribeiro proscreeve da oração o verbo, e depois, immediatamente depois de o ter reduzido a pó, clnza e nada, põe-n'o a concordar com o sujeito em numero e pessoa! Mais ainda: confunde os *elementos essenciaes* da oração, que são tres, com os *termos*, que são dous, e menciona o verbo como termo! Parece impossivel, mas toda esta diabrura inextricavel, que desorienta e dessora os cerebros nos nossos gymnasios (pobres estudantes!) está condensada em 10 linhas apenas (Gram. Port. 3º anno, 13ª ed., pg. 147).

Esta escamoteação do verbo nas orações só tem um merito, e esse muito problematico: o da novidade.



Com effeito, parece que, para ser bõa, a analyse deve ser analytica, se nos permittem a expressão; mas a que reuna em *dous* elementos o que racionalmente já estava decomposto em *tres*, apresenta a singular superioridade de ser numa analyse synthetica... Truncada, digamos logo.

Por felicidade que, no *terre-a-terre* dos compendios provincianos, ajuda se encontram noções menos transcendentaes.

Um exemplo :

Temos tratado de pronomes, e entretanto o meu illustre antagonista, se algum dos seus numerosos consulentes lhe perguntasse o que é pronome, não se encontraria unito á vontade para responder.

«E' a palavra que lembra o nome» leria em João Ribeiro (obra cit.), mas isto convem melhor á associação de idéas: a *Iliada* lembra o nome de Homero, e ninguem dirá que *Iliada* é pronome. Verdade é que o illustre philologo acrescenta «em relação á sua pessoa grammatical»: mas tambem ali não acerta: os demonstrativos, indefinidos, etc. não encerram a dita relação, e no entanto são pronomes, como os pessoases.

«Pronome é a palavra que se colloca em lugar do nome» diz outra noção corrente, não menos ruim que a primeira. Neste caso, os tropos seriam fontes inextinguíveis de pronomes: *bronze* por sino, *vêla* por navio, *bico* por gallinha seriam pronomes.

Costuma-se ensinar tambem que o pronome é umas vezes substantivo, outras adjectivo. Isto é contradictorio; se não ha differença especifica para distinguir daquellas duas categorias o pronome, conclue-se que o pronome não existe; se, porém, ha differença especifica, é essa que a noção deve encontrar e frizar.



Tinha de peregrinar bastante o Sr. Candido de Figueiredo, com a lanterna de Diogenes em punho, mas ao chegar á tal grammatica. . . «que não se deve fazer», ali acharia o pronome regularmente definido, quiçá pela primeira vez.

No estado actual da lingua, o pronome é *uma combinação do substantivo com o adjectivo* : todo pronome equivale a um *substantivo modificado*, como o adverbio equivale a uma *preposição com o seu complemento*. Assim, *eu* é equivalente de «minha pessoa», *isto* o de «este objecto», *nada* o de «nenhuma cousa», como *hoje* é o de «neste dia», *sabidamente* o de «com sabedoria».

Só num caso o pronome se resolve pelo simples substantivo : é quando este é proprio; porque o nome proprio não se determina, ou melhor, *já está determinado por si mesmo*.

Entre o pronome e o adjectivo (que o Sr. João Ribeiro confunde em um dos seus frequentes mistiforios) a differença essencial se friza da seguinte fórma : «O adjectivo *modifica sempre* o substantivo, esteja este claro ou occulto ; o pronome, porém, *não o modifica nem pôde modificar*».

Exemplifiquemos : pôde-se dizer «*este* objecto, *alguma* pessoa, *nenhum* homem», porém, nunca «*isto* objecto, *alguem* pessoa, *ninguem* homem» A razão é que *este*, *algum*, *nenhum* são adjectivos, ao passo que *isto*, *alguem*, *ninguem* são pronomes.

Mas, por que não pôde o pronome modificar o substantivo ? Porque o substantivo já está incluído no pronome, combinado com o seu modificativo. Mais claro : *isto* é o mesmo que *este objecto*, *alguem* o mesmo que *alguma pessoa* ; as locuções «isto objecto — *alguem* pessoa» se-

riam equivalentes a *este objecto* OBJECTO — *alguma* pessoa PESSOA. . . Uma redundancia, como se vê!

Ninguem dirá que um menino de escola, mesmo de acanhada intelligencia, não possa faeilmente agazalhar dous dedos de grammatica, assim ensinada. Esta é, pois, a que se deve fazer ^{na} outra, a que com europeis de fallaciosa erudição e rebúscada terminologia, disfarça a inuidade das idéas e adensa pesados bulões em torno ás noções mais comestinhas.

Disse Diderot que saber a fundo qualquer materia é conhecer bem os seus elementos.

Se tem algo de verdade a affirmação do famoso encyclopedista, como admirar o pouco proveito que se nota em certas disciplinas, cujos rudimentos são tão mal ministrados?

O ensino da grammatica, o da elemental, pelo menos, não deve continuar a perder-se nas nuvens com os balões dos philologos.

Só espiritos superficiaes e frivolos se extasiam, vendo a discentir o caso etymológico, e a fazer prelecções sobre a historia da lingua, alumnos que não têm idéas assentadas sobre a analyse das orações ou a classificação das palavras.

Podem convencer-se os que desejam sinceramente o progresso do ensino: não é o gaz que é preciso augmentar — é o lastro!

doação
BMS
#2000





Obras do Dr. Paulino de Brito a venda mesma

NOVO METHODO DE LEITURA — facil intuitivo e progressivo 1 vol. cart. illast.	2\$000
GRAMMATICA PRIMARIA — da lingua Portugueza 1 vol. cart.	2\$000
GRAMMATICA COMPLEMENTAR—da Lingua Portugueza 1 vol. cart.	2\$500
COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES — 1 folheto..	1\$000
BRASILEIRISMO — de collocação de Pronomes resposta ao Snr. Candido de Figueiredo — Artigos publicados no Jornal do Commercio 908 1 folheto	1\$000
PORFUGAL e BRASIL, SALVE! — Sandação aos galhardos tripulantes do cruzador <i>Rainha Dona Amelia</i> , da marinha Real Portugueza enviado em missão fraternal de affeto ao Brasil por motivo da Exposição Nacional do Rio de Janeiro 1 folheto	2\$000

Varios Autores

HERACLITO GRAÇA — Factos da Linguagem, esboço critico de alguns assertos do Sur. Candido de Figueiredo — 1 grosso vol. cat.	4\$000
MARIO BARRETO — Estudos da lingua Portugueza com uma carta de João Rebelro, 1 vol. cart.	3\$000
PACHECO DA SILVA JUNIOR — Promptuario do Escriptor Portuguez, 1 folheto	1\$000
JOSE VENTURA BOSCOLI—Grammatica Portugueza, 1 grosso vol. ene.	10\$000
JOSE VENTURA BOSCOLI — Promptuario do Examinado de Litteratura, 3 fasciculos	6\$000
JOSE VENTURA BOSCOLI — Orthographia 1 folheto	2\$000
COSTA e CUNHA — Grammatica Pratica do 1º grão, 1 vol. cart.	1\$000
HIPPOLYTO CAMPOS Casos Grammaticaes, 1 folheto	1\$500
EPHANTO DA SILVA DIAS — Grammatica Portugueza Elemental, 1 vol. cart.	1\$500
J. M. TEIXEIRA e MOREIRA SENRA — Analyse Portugueza, 1 vol. cart.	2\$000
FREDERICO CARLOS DA COSTA BRITO — Exercicios de analyse portugueza Lexico-logica e syntactica, 1 folheto	1\$000









OBRA



unesp